

A AUTONOMIA DA ESCOLA

José Mário Pires Azanha

Um Ianque dirige-se à Inglaterra; um juiz impe-
de-o de chicotear o seu escravo e o Ianque grⁱ
ta, indignado: "Vocês chamam a isto, uma terra
de liberdade, onde um homem não pode surrar o
seu escravo?"

Marx, A Ideologia Alemã, I

Nos tempos que correm muito se tem falado sobre a autonomia da es-
cola como algo a ser conquistado e estabelecido. No entanto, nas discus-
sões que se travam, poucas vezes se vai além da superfície do tema. A
força de nos limitarmos ao universo verbal da legislação e dos pareceres
dos Conselhos de Educação, toda a questão da autonomia da escola parece
se resumir em ter-se um regimento próprio no qual figure com destaque um
"Conselho de Escola" com ampla representatividade e atribuições delibera-
tivas. Ainda que a autonomia da escola possa ou deva abranger esses as-
pectos é claro que o assunto não deve nem pode se esgotar nisso.

Se limitarmos nossa discussão da autonomia da escola a esse uni-
verso verbal, corremos o risco de deixar intocado o que é essencial: a
autonomia do próprio processo educativo. Porque a escola é um local de
trabalho e de convivência humana mas o que a distingue de outras insti-
tuições é que essas atividades realizam-se com um propósito, que é o de
educar. Por banal que isto seja, e até talvez por isso mesmo, perde-se
do vista, muitas vezes, esse propósito fundamental.

Nas discussões sobre autonomia da escola essa situação revela-se
com muita clareza. Reinvidica-se maior liberdade dos professores com ro-
lação ao diretor, da escola com relação à Delegacia e a outras instân-
cias administrativas. Liberdade, para quê? Esta, que é a questão essen-
cial, não é explicitamente examinada nem respondida. No entanto, só a
resposta clara a esta questão poderá repor o problema da autonomia da es-
cola nos seus devidos termos.

A autonomia da escola só ganha relevância se significar autonomia
da tarefa educativa; em outros termos, o assunto é quase irrelevante e
poderá ser confundido, como muitas vezes é, com normas meramente adminis-

IN: *Journal Educação Democrática* nº 3/198, Azanha, J.M.P.

trativas. Porque, na verdade, nenhum regimento próprio, nenhum Conselho De liberativo, por si sós, darão à escola a autonomia educativa. Esta só se obtém a partir de uma consciência aguçada e crítica das possibilidades de atuação da escola em face da clientela e da comunidade a que serve e do esforço continuado e conjunto para ir até o limite dessas possibilidades. Enfim, a autonomia da escola é algo que se põe com relação à liberdade de formular e executar um projeto educativo. É um projeto como diz Castoriades (Castoriades, C. - L'Institution Imaginaire de la Société - Editions du Seuil - 1975, pag. 106) é a "intenção de uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido dessa transformação e levando em conta as condições dessa realidade." Nesses termos, o projeto educativo de uma escola é o propósito de transformar a clientela (e a comunidade) tomando em consideração - não as prescrições de uma pedagogia abstrata - mas as condições reais de vida dos educandos. Todo esforço educativo autêntico repousa numa esperança: a da possibilidade de modificação humana. Sem essa esperança, o ensino se transforma num ritual destituído de significado. Mas, a esperança não basta. É preciso organizar-se a partir dela e formular claramente o sentido e o valor das modificações que se pretendem e unir-se num esforço comum e continuado na sua perseguição.

Há muito que o constrangimento dos regimentos únicos, das determinações superiores autocráticas e doutrinadoras, dos livros ideologicamente preparados vêm tentando criar na escola o vácuo educativo, isto é, a escola que não educa. Mas, a luta contra essa coerção será equivocada se nos limitarmos a reivindicar alterações meramente administrativas. Estas são externas e seu valor dependerá basicamente do próprio esforço que a escola faça para que o seu trabalho não se estiole na inutilidade de tarefas só aparentemente educativas. Para além do alcance de todos os constrangimentos políticos, econômicos, sociais, culturais e pedagógicos, há um espaço de encontro e de convívio humano que é potencialmente educativo. É... pela ocupação desse espaço com um projeto de educação consciente e crítico que se dará substância efetiva à aspiração de autonomia da escola.

..*.*.*

(01/84/EA/NG/cópia/mcga/wcv)